

# Movimentos homossexuais e vivências públicas

Kleire Anny Pires de Souza  
Isabel Ceccon Iantas

O conceito construído por Michelle Perrot em *Os excluídos da história* (1998) é um importante constructo para se pensar a homossexualidade. Perrot deu as margens, existem também os não-lugares. Essas categorias servem para os agentes que não compõem o status de dominância, seja qual atravessamento fazemos, o de raça, classe ou sexo. A homossexualidade teve sua trajetória de não-lugar e de não-ser durante muito tempo, finalizando esse legado a partir da retirada de status de doença de ordem mental na década de 70. Entretanto os seus guetos continuam a existir, seu status não médico não impede os atravessamentos violentos da vida cotidiana. A história que usa a memória como seu

objeto de análise é recheada de atravessamentos de pessoas relegadas a necropolíticas. Entretanto, Foucault nos presenteou com um conceito que serve muito além de falar sobre os não-seres, não-lugares, segundo sexo ou margem: nos ensinou sobre resistência. Resistir, nesse sentido, é o oposto da reação. Quando há reação existe uma resposta que o poder exige de nós, entretanto, quando resistimos, criamos outra possibilidade de existência para esse poder, como uma força alternativa. Resistir indo de encontro a essa perspectiva foucaultiana é sinônimo de construir; criar a resistência é uma atividade de força, que se consolida como uma estratégia para alternar as relações no campo do poder, ou seja, lutar contra uma norma, uma imposição

através da existência de outras possibilidades.

Dentro dessa premissa, podemos pensar a homossexualidade como resistência, principalmente se pensarmos as perspectivas e contextos de sua existência através da história. Apesar do seu forte ligamento com marcadores de violência, é mais forte ainda seu elo com a luta, com a resistência; e toda resistência é produtora de memória e espaços de vivências, construção de redes, afetos, produções.

No Brasil, os movimentos homossexuais tomam sua forma, principalmente, no fim da década de 70, em pleno Estado de exceção, de barbárie militar. E, apesar do período de maior perseguição a homossexuais, foi também o período de maior resistência e construção de redes de enfrentamentos. A partir dessas presentificações, conceito de Hans Gumbrecht (2010), destacam-se os atravessamentos do passado no presente, criando disputas de narrativas. Assim, podemos, com os testemunhos e fontes, reescrever a história de uma forma que possamos ocupar os não-lugares, e nos tornarmos agentes da nossa própria história.

Nossos entrevistados são exemplos das tomadas de espaços e do reconhecimento das suas identidades a partir da resistência. Sendo eles Edward Mcrae, Luma Nogueira de Andrade e Paula Évelyn Silveira Barbosa.